

A CONSTRUÇÃO DO SUJEITO POR MEIO DE PRÁTICAS LEITORAS

Maria Gabriele de Oliveira ¹
Josefa Iathyanna Leandro Da Costa ²
Sulanita Bandeira da Cruz Santos ³

RESUMO

Nesta pesquisa, analisamos as práticas de leitura vivenciadas por dois graduandos de uma universidade pública durante o período anterior à entrada na universidade, com objetivo de identificar como ocorreu a formação letrada deles e o sentido atribuído a essas práticas. Sendo assim, a concepção de letramento como prática social propagada pelos Novos Estudos do Letramento embasa a presente pesquisa. Adotamos a narrativa oral como procedimento metodológico e a entrevista semiestruturada como técnica de coleta de dados, os quais foram analisados qualitativamente. Os resultados revelaram que as práticas da leitura vivenciadas por esses jovens foram permeadas, desde a infância, pelo acesso efetivo com a cultura escrita, que abarcou desde livros de contos infantis aos clássicos da literatura. Além disso, estas práticas também foram marcadas por mediadores de leitura. Estes fatores contribuíram significativamente para que o desenvolvimento da identidade leitora dos sujeitos e para a formação de uma visão crítica e reflexiva sobre a sociedade. Ademais, essas práticas também nos permitiram perceber que a leitura não apenas expandiu o repertório intelectual desses jovens, mas também lhes permitiu que, enquanto leitores, eles pudessem compreender melhor a si mesmo e o mundo ao seu redor, além de contribuir para a definição da área acadêmica na qual estão inseridos.

Palavras-chave: Letramento, Graduação, Práticas de leitura.

INTRODUÇÃO

A leitura é uma prática cultural e social que ultrapassa o domínio técnico da escrita, constituindo-se como espaço de construção de sentidos, identidades e formas de pertencimento. Antes mesmo do ingresso na universidade, os graduandos já carregam trajetórias leitoras singulares, permeadas por mediações familiares, escolares e culturais, que, acreditamos, devem influenciar diretamente sua relação com os textos acadêmicos, tendo em vista que, com base nos estudos de Gee (1999), Fischer (2008, p.183) afirma que “As habilidades desenvolvidas em práticas letradas no meio familiar são a base para o sucesso escolar [...]Esse contato prévio pode facilitar a inserção dos alunos no meio

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, maria.gabriele@ufpe.br

² Graduanda pelo Curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Pernambuco, UFPE, josefa.iathyanna@ufpe.br

³ Doutora em Educação da Universidade Federal de Pernambuco UFPE, –sulanita.santos@ufpe.br



escolar/acadêmico. Nesse sentido, compreender como ocorreu a formação leitora desses sujeitos e quais sentidos foram atribuídos às práticas vivenciadas ao longo de sua trajetória é essencial para repensarmos as estratégias pedagógicas que possam favorecer a apropriação do letramento acadêmico⁴ por parte deles. Assim sendo, este estudo tem como objetivo identificar como ocorreu a formação letrada dos graduandos e o sentido atribuído às práticas de leitura por eles vivenciadas.

A justificativa para essa investigação reside na necessidade de reconhecer a relevância das experiências leitoras prévias ao ingresso no ensino superior. Entender como os graduandos se constituíram como leitores antes adentrarem à universidade permite valorizar sua bagagem cultural e refletir sobre a importância em considerá-la a partir do momento em que eles irão lidar com as práticas de letramento acadêmico. Essa perspectiva pode possibilitar a construção de uma educação mais democrática, que acolha a diversidade dos percursos de formação e considere o letramento como processo contínuo, histórico e social (Soares, 2003; Street, 2014). Ao trazer à tona essas experiências, é possível pensar em ações pedagógicas que superem uma visão tecnicista da leitura e promovam práticas formativas capazes de fortalecer a identidade leitora, além de ampliar a participação crítica dos estudantes no âmbito acadêmico, que é caracterizado por novas formas de ler, interpretar e organizar o conhecimento (Lea; Street, 1998), em função dos textos que lhe são peculiares, tais como resumos, resenhas, artigos, projetos de pesquisa etc.

Em face do exposto, do ponto de vista teórico, este trabalho ancora-se na concepção de letramento como prática social, defendida pelos Novos Estudos do Letramento (Street, 2014; Soares, 2003), que entendem a leitura e a escrita como práticas situadas, permeadas por valores, contextos e relações de poder. A leitura, portanto, não se reduz à decodificação de textos, mas envolve apropriações criativas e singulares, como aponta Chartier (2011), para quem cada ato de ler é moldado por suportes materiais, instituições e pela agência do leitor.

⁴ Conforme Fisher (2008, p. 180-181): “Ser academicamente letrado significa que um aprendiz tem um repertório de estratégias efetivas para compreender e usar as diferentes linguagens, especializadas e contextualizadas, no domínio acadêmico. Ainda, indica os papéis sociais (pelo menos desejáveis) de alunos e professores, as finalidades de os alunos estarem neste domínio e as relações estabelecidas com o conhecimento e com o saber.”



Diante disso, ao identificar como ocorreu a formação letrada dos graduandos, analisamos as práticas de leitura que eles vivenciaram, assim como o sentido que lhes atribuíram, ancorados na reflexão sobre o sentido da leitura referido por Larrosa (2011) e Petit (2008), que compreendem a leitura como experiência formativa e subjetiva: um espaço de autoconhecimento, imaginação e resistência frente às imposições sociais. Para Larrosa (2011), a leitura é experiência que nos toca e transforma; para Petit (2008), ela é também possibilidade de liberdade e de elaboração de vivências em contextos de desigualdade. Sendo assim, entendemos que a formação leitora dos graduandos não é dissociada das experiências sociais, históricas e afetivas que os constituem como sujeitos. Valorizar essas trajetórias é, portanto, compreender a leitura como prática transformadora, fundamental para a formação plena do sujeito e para sua participação crítica na vida acadêmica.

METODOLOGIA

Com objetivo de identificar como ocorreu a formação letrada dos graduandos e o sentido atribuídos às práticas de leitura que vivenciaram antes de ingressarem na universidade, optamos por um percurso metodológico pautado na narrativa oral, fundamentando-nos em Botía (2002). O autor entende a investigação biográfico-narrativa como uma forma de conhecimento que reconhece a subjetividade dos sujeitos, considerando suas vozes e experiências como fontes legítimas de saber. Essa escolha se justifica porque a narrativa permite acessar memórias, percepções e vivências dos sujeitos em sua singularidade.

Como técnica de coleta de dados, utilizamos a entrevista semiestruturada, que, conforme Duarte (2004), possibilita articular um roteiro previamente elaborado com a abertura necessária para que os entrevistados tragam elementos espontâneos de sua história. A adoção desse procedimento foi fundamental para alcançar o objetivo da pesquisa, pois buscava-se compreender não apenas os hábitos de leitura, mas também os sentidos que lhes foram atribuídos pelos sujeitos da pesquisa em diferentes contextos.

Os sujeitos da pesquisa são dois estudantes de graduação da Universidade Federal de Pernambuco do Campus do Agreste: um matriculado no curso de Física e outro no curso de Matemática. A opção por alunos das referidas áreas de conhecimento decorreu da curiosidade em conhecer como se constituiu a formação leitora de jovens vinculados a um curso voltado para as ciências exatas



O processo de seleção dos sujeitos da pesquisa ocorreu em duas etapas. Inicialmente, mediante a aplicação de um formulário impresso entregue aos alunos, nos qual foram solicitadas as informações sobre escolaridade e profissão dos pais, rede de ensino em que estudaram a educação básica, forma de ingresso na universidade, período em que estavam matriculados e disponibilidade para participação da pesquisa. Os dados daí oriundos nos permitiram traçar os perfis dos sujeitos da pesquisa e, com base nisso, selecioná-los. Desse modo, seguiu-se a etapa na qual procedemos com a escolha participantes, em que consideramos a disponibilidade em participar da pesquisa e que fossem procedentes de contextos sociais e econômicos distintos, por supormos que, por conta disso, o sentido atribuído às práticas de leitura vivenciadas por eles pudesse evidenciar pontos divergentes e/ou convergentes.

Com objetivo de preservar a identidade dos sujeitos da pesquisa, preferimos denominá-los da seguinte forma: EM (para o estudante oriundo do curso de Matemática) e EF (para o estudante oriundo do curso de Física). O EM estava, na época da pesquisa, matriculado no 4º. Período. O acesso à universidade se deu mediante a Lei de Cotas (escola pública), estudou o ensino fundamental na rede privada e o Ensino Médio na Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica do Brasil. No que tange à escolarização dos pais, a mãe possuía ensino superior completo, o pai, superior incompleto. O EF cursou a educação básica em escola privada, mas proveniente de bolsa e ingressou na universidade mediante ampla concorrência. Quanto ao nível de escolarização dos pais, a mãe possui Ensino Médio completo, e o pai, Ensino Médio Incompleto.

Foram realizadas três entrevistas individuais via *Google Meet*, que foram gravadas e, posteriormente transcritas. Elas ocorreram em horário previamente acordado com os sujeitos da pesquisa e contaram com uma duração média de aproximadamente 1h45min cada. Os dados obtidos foram analisados de forma qualitativa, considerando não apenas o conteúdo explícito das falas, mas também os sentidos implícitos, as memórias evocadas e as mediações que emergiram nos relatos. O processo interpretativo foi orientado pelas reflexões de Petit (2008) e Larrosa (2011), para os quais a leitura se constitui como experiência formativa, subjetiva e socialmente situada.



RESULTADOS E DISCUSSÃO

Ao termos como objetivo identificar como ocorreu a formação letrada dos graduandos, vale destacar que, mais do que levantar dados objetivos, a análise pretendeu dar visibilidade ao caráter transformador da leitura, entendida como espaço de constituição identitária, de elaboração de vivências e de projeção de futuro. Sendo assim, vale salientar que, em função do exaustivo material coletado, evidenciaremos aqui, apenas o que consideramos mais significativo em função do objetivo já colocado e o espaço aqui permitido. Importa referir que as questões que nortearam as entrevistas abarcaram todo o percurso formativo do sujeito, ou seja, contemplaram suas experiências leitoras desde a infância até o momento em que ingressaram na universidade. As questões versavam desde o material escrito ao qual tiveram acesso neste percurso, como livros, jornais, revistas etc., em qualquer que fosse o contexto em que estiveram inseridos, bem como ao sentido atribuído a essas práticas de leitura fruto do acesso a esse material.

Entre o mundo e as palavras: a leitura como descoberta

A leitura constitui-se como prática que atravessa diversos aspectos da vida humana — familiar, escolar, acadêmico, religioso, cultural, entre outros. Dessa forma, atua como ferramenta de compreensão do mundo, de construção de identidades e de mediação social. Desse modo, na busca por conhecer como ocorreu a formação letrada dos estudantes AM e AF, iremos perceber, no decorrer dos relatos, de que modo suas práticas de leitura influenciaram suas percepções de mundo e de si mesmo, contribuindo para o desenvolvimento de uma visão crítica sobre a sociedade.

Assim sendo, quando nos reportamos às práticas de leituras vivenciadas pelo EF, perceberemos que estas, inicialmente, ocorreram no espaço familiar, no qual a leitura de livros foi realizada como experiência afetiva e formativa. Ele relembra: “*Meus pais liam para mim antes de dormir, e eu adorava esses momentos. Eu me sentia aconchegada e fascinada pelas histórias, como se estivesse entrando em um mundo novo a cada página*”. Esse relato aproxima-se da concepção de Michèle Petit (2008), segundo a qual a leitura pode se estabelecer como espaço simbólico de acolhimento e construção de identidades, sobretudo quando é mediada por vínculos afetivos. Assim, desde os primeiros anos, a leitura não se restringiu apenas ao contato com os textos; constituiu-se também como vivência afetiva significativa, momentos de prazer, criando base para interesse e curiosidade por outras leituras, conforme iremos perceber nos depoimentos mais adiante..



No que diz respeito às práticas de leitura iniciais, o EM afirmou não ter memória de leituras efetuadas pelos pais, mas destacou o empenho deles em incentivar a leitura mediante a compra de gibis, conforme ele destaca “*E aí, a gente tinha muito gibi, então a gente lia muito, muito...muito gibi, muito mesmo. Então, a leitura, tipo assim, realmente, foi introduzida através deles nessa prática de sempre tá comprando gibi, é, pra gente*”. Foi a partir dessa prática inicial, que referido estudante ressalta ter adentrado ao universo das práticas de leitura, mas inspirada principalmente por sua irmã, conforme relata:

É, ninguém lia pra mim. Na verdade, a criação aqui em casa, embora seja, tipo assim, [tem] tem carinho, tem essas coisas, tudo. Mas, assim, o estilo dos meus pais não era muito [de] de tá lendo pra gente, de tá fazendo tarefinha de casa, não [...] E aí, em seguida, eu acho que a leitura [foi] foi meio que entrando também [como] como inspiração da minha irmã, né? Minha irmã ela sempre gostou muito de ler, muito.

Como podemos perceber a aquisição dos gibis e a influência da irmã funcionaram como facilitador e/ou estimulador para a prática leitora, o que sinaliza para o fato de que o ato de ler envolve apropriações criativas e singulares, como aponta Chartier (2011). Ao nos reportarmos para o período da escolarização, a mediação docente assumiu papel central na formação leitora dos respectivos estudantes, pois suportes e contextos sociais moldam não apenas o acesso, mas também os sentidos atribuídos à leitura. O EF recorda a atuação de uma professora de português neste processo:

[...] comecei a cultivar um hábito de ler no sexto ano por influência da professora de português. O Pequeno Príncipe me marcou nessa fase. [...] Era um ponto sempre reforçado em suas aulas, os paradidáticos escolhidos me interessavam e ela fazia projetos de leitura, como dias em que ela levava livros e revistas dela para seus alunos explorarem.

Para o EM, as experiências de práticas de leituras instigadas por sua professora assumiam caráter lúdico e marcaram sua trajetória também:

[...] o colégio onde eu estudava ele era muito aberto, então tinha muita árvore, muito banco, muita, tipo, parecia um parque, basicamente. E aí, ela (a professora) deixava a gente sair da sala e ficar lendo nessa região, assim, mas arborizada e tal. A gente ficava cada um com um livro, lendo, e podia ler na sala, também, mas normalmente a gente saía.

Estas narrativas revelam o papel da escola como instância de mediação, corroborando com Street (2014), para quem o letramento é prática social situada: saber ler envolve criar condições de circulação, interpretação e ressignificação de sentidos. Sendo assim, vamos nos deparar, na trajetória de vida dos estudantes, com uma diversidade de práticas de leitura que transitavam desde os clássicos à literatura mais



contemporânea. Mas leituras demandadas pelo prazer, que acreditamos ser fruto das experiências das práticas iniciais da leitura. Neste sentido, ressaltamos, no que concerne ao EF, a obra 1984, de George Orwell, cuja leitura foi efetuada no período da pandemia, assumiu lugar de destaque, por ter segundo ele, aberto espaço para reflexões críticas sobre a sociedade e a política. Além dessa obra, foram mencionadas “A hora da Estrela, de Clarice Lispector, Mrs Dalloway, de Virginia Woolf. Conforme o referido estudante, os livros representavam “[...] *uma possibilidade de ir para outros mundos e de entender o nosso mundo. [...] isso acaba tendo um grande impacto na nossa compreensão de mundo, como também nas nossas ações no mundo*”. Tal experiência dialoga com o que nos é colocado por Larrosa (2011), que entende a leitura como acontecimento como aquilo que “nos passa”, tocando e transformando a forma como nos situamos no mundo.

E no que diz respeito ao EM, quanto às práticas de leitura vivenciadas em sua trajetória de vida, para além da leitura dos gibis e de livros infantis que lhe marcaram a infância, houve o destaque para as leituras que iam desde poesias à prosa. Foi bastante enfatizado pelo referido aluno o livro de poesias “Respeito a Solidão Alheia”, de Kaio Bruno Dias. Sobre a leitura desse livro é assim que o EF se referiu: “[...] *e aí eu achei maravilhoso. [...] Eu sei que eu leio diversas vezes e, é, todos os poemas são muito bons [...] Respeito a Solidão Alheia" é o meu xodó*”. E a razão para toda essa paixão nos remete à leitura como experiência, como “isso que nos passa”, conforme Larrosa (2002), e que está expressa no relato do estudante:

[...] nele tem umas poesias, que inclusive essa primeira [...], me fez ter o interesse [...] ela apareceu em um momento muito específico da minha vida. [...] Eu fiquei bem doente psicologicamente falando, e aí realmente eu acho que terminou casando muito com o momento que eu tava vivendo. Então, eu acho bem interessante, porque termina batendo muito com a fase da vida que eu tava vivendo naquele momento. [...] E aí, eu acho que é isso, acho que termina eu criando uma relação muito forte com o livro por conta disso, porque naquele momento foi uma leitura que caiu como uma luva pra, vamos dizer, o que eu tava vivenciando de fato, é, foi, foi bem bacana.

Diante do exposto, compreendemos que ambos os estudantes construíram experiências literárias significativas, vivenciaram práticas de leitura que dialogam com afetividade, senso crítico e descoberta de sentidos.



Para além do prazer, os outros caminhos da leitura

A leitura como prática social (Street, 2014) e matéria-prima que permite ao leitor reinventar-se e ser por ela reiventado (Petit, 2008) oferece múltiplas possibilidades para ser e estar no mundo. Seus caminhos apontam para descoberta de si e do outro, mas desdobra-se em outros, numa mutiplicidade que não se encerra em si mesma. Nesse ínterim, a leitura possibilita um rastro de sobrevivência (Petit, 2008) para a tomada de decisões, como, por exemplo, ingressar no ensino superior e escolher a área de conhecimento a ser seguida.

Essa escolha revela a complexidade e a diversidade dos letramentos e que a leitura, enquanto ferramenta de poder, possibilita que o sujeito atue com mais legitimidade nas diversas instâncias sociais. Enquanto empodera-se através da leitura, ele re(constrói) sentidos, identidade, criticidade e formação profissional que o fazem agente transformador e direcionador de suas escolhas, enquanto é modificado ou atravessado por ela (Larrosa, 2011). Neste sentido, na narrativa de ambos estudantes as experiências de leitura emergiram como um ponto de virada, que influenciaram a trajetória de vida e a área acadêmica a ser escolhida.

Assim sendo, no que tange ao EF, destacamos o seguinte resgistro: *:Descobri muito sobre quem sou e meus objetivos de vida com a leitura, a escolha do meu curso veio inclusive após a leitura na revista "Superinteressante" (que foi levada para a aula pela professora de Português) de uma matéria homenageando Stephen Hawking.* Essa leitura experienciada pelo estudante fez com que ele se interessasse por assuntos relacionados à área de Física, para que lançasse olhar curioso sobre o universo. A referida matéria, segundo o estudante, *“explicava conceitos complexos e de um jeito acessível, despertando minha curiosidade sobre o espaço, o tempo e as leis da natureza.”* Foi, a partir daí, que buscou outras leituras, como *“O Universo Numa Casca de Noz”* de Stephen Hawking, e *“Cosmos”*, de Carl Sagan. Para o EF, essas obras mostraram que *“a física não era apenas números e fórmulas, mas uma forma de compreender o mundo e responderas perguntas que me intrigaram”*. Essa experiência leitora e o conhecimento dela apreendido permitiram que o EF se apropriasse da leitura para decidir sua área acadêmica, indicando possibilidades de experiências leitoras que vão além do prazer.

Para o EM a situação foi similar em essência, mas diferente na aplicação: embora ele não tenha explicitado a influência da leitura na escolha do seu curso de graduação, seus depoimentos revelaram o uso da leitura como ferramenta crucial para o acesso a



instituições e programas, como ocorreram nas seleções para ingresso no PIBEX do Instituto Federal e Curso de Redação, com o objetivo de adentrar na Universidade mediante o ENEM.

Notamos que o EM compreendeu a importância da leitura para a construção do conhecimento e tomada de suas decisões: *Então, assim, o hábito da leitura é de extrema importância, acho muito importante. [...] É, e eu acho que é fundamental na construção do conhecimento humano e [...] diversas perspectivas racionais do nosso ser.* Essa racionalidade mencionada por EM aponta a leitura para o caminho da criticidade – ferramenta para questionar o mundo e as suas particularidades, que ajudou o EM a escolher caminhos possíveis de acesso à universidade: *[...] durante o processo de fazer o curso de redação, a gente se torna pessoas muito mais críticas. Então, antes, eu não tinha essa criticidade que hoje em dia eu tenho, entendeu? E não só em relação à leitura, mas em relação a tudo à minha volta, inclusive questões pessoais.*

Essa narrativa demonstra que a leitura tem a dimensão despertar senso crítico, propiciar a formação de um sujeito questionador, que extrapola o texto lido para além do prazer e o faz ficar possuído por ele à medida que tenta dominá-lo (Chartier, 1996). Isso com posturas ativas e/ou de oposições ao que se é apresentado. Sobre isso, EM diz: *[...] eu sou mais de bater de frente, [...] eu realmente eu pergunto: por que tem que ser assim?*

Conforme analisamos, as práticas de leitura dos estudantes EF e EM não se resumiram, apenas, ao ato de ler por prazer, mas revelaram que, ao ler pro prazer, outras possibilidades, o vislumbre de caminhos a serem percorridos. Dentre esses outros caminhos possíveis, propiciados pelas experiências da leitura, destacaram-se a possibilidade de ingresso na universidade e a escolha da área de formação acadêmica.

Essas decisões, moldadas pelo contexto social/individual, revelaram práticas leitoras e identidades distintas. O nível e o tipo de letramento que 'passou' por cada um diferem, e é essa distinção que se traduziu em novos caminhos e novas possibilidades de apropriação. A diversidade de letramentos corresponde à diversidade de trajetórias que podem ser escolhidas para além do prazer.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa permitiu concluir que os graduandos chegam à universidade com letramentos diversos e em níveis distintos, moldados por seus variados contextos sociais e pelas necessidades de suas agências de letramento. Diante disso, a instituição de



ensino superior deve considerar ativamente essa multiplicidade, adotando práticas pedagógicas inclusivas, de modo a evitar que o espaço acadêmico se torne excludente e/ou segregador, dando voz apenas àqueles que mais rapidamente se apropriam do letramento acadêmico.

Sendo assim, reconhecer a formação letrada dos graduandos antes de adentrarem na universidade implicará em práticas pedagógicas mais inclusivas que levem em consideração que o letramento acadêmico é dotado de especificidades que os graduandos precisarão se apropriar para que possam se sentir inseridos no espaço que agora se encontram e isto não se dá de forma instantânea.

REFERÊNCIAS

BOTÍA, A. B. “¿ De nobis ipsis silemus? ”: Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**, vol. 4, n.1, p.1-26, 2002.

DUARTE, R. Entrevistas em pesquisas qualitativas. *Educar*. Curitiba, n.24, p.213-225, 2004.

CHARTER, R. (org.) **Práticas da Leitura**. São Paulo: Estação da Liberdade, 2011.

FISCHER, Adriana. Letramento Acadêmico: uma perspectiva portuguesa. **Acta Scientiarum Language and Culture, Maringá**, v.30, n.2, p.177-187, 2008.

LARROSA, J. Experiência e Alteridade em Educação. **Revista Reflexão e Ação**. Santa Cruz do Sul, v.19, n.2, p. 04-27, jul/dez. 2011.

LEA, M. R.; STREET, B. V. O modelo de “letramentos acadêmicos”: teoria e aplicações. Tradução: Fabiana Komesu e Adriana Fischer. **Filol. Linguíst. Port.**, São Paulo, v.16, n. 2, p. 477-493, jul./dez., 2014.

PETIT, Michèle. **Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva**. Tradução Celina Olga de Souza. São Paulo: Editora 34, 2008.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

STREET, B. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.



